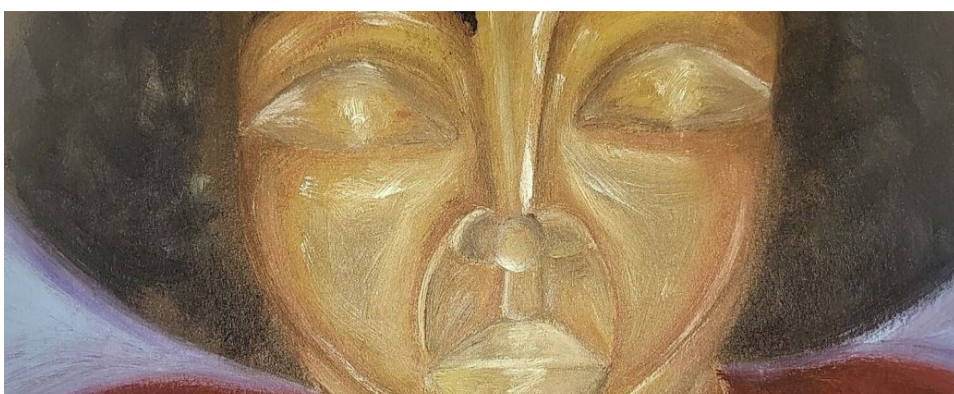


A elaboração da memória em Jeferson Tenório

Carolina Paz Comerlatto / 22 de agosto de 2024 / Especial: Leituras do Vestibular



“É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos”

— TRECHO DO LIVRO O AVESSO DA PELE

“Quem está aí?": a epígrafe de "O Averso da Pele" não esconde no que se fundamenta a obra. Assim como em Hamlet, de onde parte a fala referenciada, a narrativa de Jeferson Tenório é baseada em um processo de "ser ou não ser". "Talvez esse seja o arco do herói: se constituir como filho para depois se tornar adulto", inicia o autor em entrevista ao JU. Segundo ele, o romance funciona como uma "carta ao pai": "essa ideia de um pai fantasma, que conversa com o filho de uma outra forma. É uma carta afetiva".

Em uma jornada de elaboração do luto, Pedro, o narrador, passeia por importantes reflexões sobre a própria vida e a vida do pai recém-morto, Henrique. Apesar de a negritude ser uma questão central, para a professora de Literatura na rede estadual de ensino e doutoranda em Literatura pela UFRGS Ana dos Santos o livro não se resume a essa temática. "O Averso da Pele" não é um livro sobre racismo. É um diário confessional que se produz num diálogo com memórias. O diálogo que ele teria, na imaginação, com o pai dele", afirma.

Longe do estereótipo

Assuntos como luto, infância, juventude, primeiro emprego, questões geracionais e experiências amorosas são debatidos com profundidade, mesmo em um livro com pouco menos de 200 páginas. Segundo Tenório, a narrativa nasceu de uma busca por "levar o leitor para dentro da sala de aula". A escolha de colocar professores como protagonistas não foi por acaso: "Foi uma tentativa de mostrar esse lado de dentro, mais subjetivo e existencial". Para ele, a escolha dessa profissão nasce de uma paixão. "[O professor] acredita de fato que ele pode promover mudanças."

A intenção do autor se concretiza em diversos aspectos no livro. Em um retrato não romantizado das dificuldades do ensino na periferia, "O Averso da Pele" explicita a realidade da educação no Brasil. Em contrapartida, é também no ambiente escolar que se constroem, na narrativa, possibilidades de redenção e do processo de reconhecimento de si e do mundo.

A escola como ambiente transformador

Na obra, o professor Oliveira, por exemplo, é quem faz florescer no pai do narrador a consciência racial. Em homenagem ao poeta e militante Oliveira Silveira, Jeferson estabelece um personagem que equipara Shakespeare a Ogum e demonstra a importância da validação e da representatividade no contexto educacional.

É por esse motivo que o autor lamenta as tentativas de censura que a obra vem sofrendo. Para ele, a retirada de livros da escola é uma "violência imensa, porque é justamente nesse espaço que você tem a possibilidade de estimular a cidadania dos alunos". Para Ana, que enfrentou a situação na escola em que trabalha, o silenciamento de pautas também prejudica a construção da capacidade crítica dos estudantes: "A gente sabe que, por detrás da censura, tem também esse veto: não vamos falar sobre racismo".

A segregação na capital e a importância dos afetos

A relação com a cidade é também um aspecto importante. "Se eu não tivesse vindo pra cá [Porto Alegre], talvez eu não tivesse escrito O Averso da Pele", aponta o autor. Com traços autobiográficos, o livro disserta sobre a sensação de não pertencimento de um corpo negro em um estado composto majoritariamente por pessoas brancas. "Se você caminhar na rua nesse bairro aqui, por exemplo, você não vê pessoas negras."

É nesse jogo de dualidades que o romance afirma bases sólidas de esperança, mesmo em um retrato carregado de diversas dores profundas. É nas construções de afeto que, em uma estrutura falida, se conseguem trocas que dão sentido à vida.

"Eu fiquei muito mal quando eu entreguei o livro e vi o que eu tinha feito. [...] Ele tem essas ondas [de redenção] em cima de tragédias, alguns respiros de humor, e chega nesse auge dessa grande aula que ele dá e então o leitor percebe: é possível, né? É possível você ter uma escola, você ter leitores. Mas vem o Estado, todo o aparato de um Estado racista, e acaba com a vida dessa pessoa"

— Jeferson Tenório

Uma voz coletiva

Para Ana dos Santos, o conceito de escrivência de Conceição Evaristo está muito presente no livro: a narrativa ficcional do escritor, junto da voz coletiva das pessoas que não puderam contar a sua história. "O Pedro vai escrever sobre o pai para reconstituir a memória dele, para que não se perca", esclarece.

Essa perspectiva se alinha ao sentimento de Jeferson sobre a sua obra. Para ele, o maior legado é poder contar histórias que por muito tempo foram silenciadas. Seu grande desejo é que as novas gerações que têm tido contato com o livro leiam mais literatura brasileira. "Os jovens podem ler o que quiserem, quanto mais diversidade melhor. Mas não deixem de lado a literatura brasileira e principalmente a literatura escrita por pessoas negras."



Luiz Augusto Quadros Lacerda. **Inspiração**, 2023. Óleo sobre cartão, 210x297mm

Especial Leituras Obrigatórias

Com o objetivo de ampliar as experiências de leitura, o JU produz, desde 2018, uma série de reportagens em que especialistas destacam aspectos e fazem análises interpretativas das obras indicadas pela Universidade. Acompanha cada texto a criação de artistas convidados que dialoga com a obra e a biografia de autoras e autores. Veja as reportagens [aqui](#).

Luiz Augusto Quadros Lacerda, (Porto Alegre, RS, 1981) é graduando do bacharelado em Artes Visuais na UFRGS e pesquisador da cultura afro-brasileira e afro-gaúcha. Como artista, tem destacados trabalhos no Carnaval e nos palcos. Em 2018, conquistou o Troféu Açorianos de Melhor Figurino pelo espetáculo de dança "O feminino Sagrado – Um olhar descendente da Mitologia Africana", do Grupo de Música e Dança Afro-Sul.

:: Posts relacionados

- A Antropofagia periférica de José Falero
- A genialidade na composição de Lupicínio Rodrigues
- A presença negra num bairro riograndino
- Desastres naturais, emergência climática e memória

:: ÚLTIMAS

- Carta aos leitores | 23.09.24
- Paridade na consulta para a reitoria, agora adotada na UFRGS, ainda não é consenso entre as universidades federais, aponta mapeamento
- Paradesporto propicia melhora na qualidade de vida e auxilia a pessoa com deficiência a projetar o futuro
- Da sala de aula às ruas devastadas do Sarandi
- Extensão popular para mudar a Universidade!
- O futebol das gurias
- Carta aos leitores | 23.09.24
- Crise climática aponta necessidade de mudanças na produção e no consumo de alimentos
- Gabriel Tossi e a busca por conhecimento
- Estratégia para enfrentar a desinformação climática

INSTAGRAM

Jornaldauniversidadeufrgs
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

[View on Instagram](#)